

STUART DAVIS

LITERACIA ALÉM DA MÍDIA

LITERACÍAS MÁS ALLÁ DE LOS MEDIA

LITERACY BEYOND THE MEDIA

*CONCEDIDA A FELIPE MATEUS PESSOALMENTE
EM 29/09/2015 E VIA SKYPE EM 18/10/2015*

Stuart Davis: professor de Comunicação da Texas A&M International University, onde coordena o programa de Estudos Midiáticos voltados à América Latina. Graduado em Ciências Políticas pela Universidade da Carolina do Norte e PhD em Rádio, TV e Filme pela Universidade do Texas, suas pesquisas concentram-se na análise da função da mídia para as diferentes formas de desenvolvimento social.

ISSN (2236-8000)

entrevista

LITERACIA ALÉM DA MÍDIA

Uma literacia que vá além do consumo midiático e da produção de conteúdos pelo público e que contribua com o desenvolvimento social de comunidades: essa é a ideia defendida por Stuart Davis, professor da Texas A&M International University. Ele esteve na Unesp de Bauru em setembro de 2015 ministrando a disciplina “Literacia Midiática e Digital”, voltada aos alunos dos programas de pós-graduação em Comunicação e em Mídia e Tecnologia. Em sua entrevista à Revista Comunicação Midiática, Davis comenta sobre as diferenças entre os estudos voltados à literacia realizados nos Estados Unidos e no Brasil e relata experiências sobre a realidade social e midiática brasileira obtidas por trabalhos desenvolvidos junto a ONGs do Rio de Janeiro. Ele também analisa casos em que o uso das tecnologias de comunicação no Brasil chamou a atenção do mundo, como nas manifestações de junho de 2013, além de refletir sobre o verdadeiro sentido de empoderamento social que se pretende com projetos de literacia midiática.

Inicialmente, o que é Literacia Midiática? Como podemos definir esse conceito?

Nos Estados Unidos o movimento de Media Literacy é um movimento muito bem formado, localizado em projetos de universidades e de ONGs que trabalham com literacia de mídia. A definição nos Estados Unidos diz respeito a aulas e seminários com o objetivo de ajudar a população em geral entender que a mídia tem uma ideologia. Lá é algo muito voltado à política, não chega a ser marxista, mas é quase marxista pelo sentido dado por Gramsci, de ajudar a população a entender as influências do sexismo, do racismo, da economia política na produção de filmes e de programas de TV. É um projeto muito simples, mas importante para criar oportunidades para as pessoas. Não é algo direcionado a nós, que somos acadêmicos, ou para os ativistas, mas é voltado para pessoas comuns, para a minha mãe, por exemplo, entender como o racismo está presente na telenovela. Nos Estados Unidos é esse tipo de trabalho feito. Também existem trabalhos de treinamento com as mídias, sobre como usar câmeras, filmar, tirar fotos, um pouco disso. Por exemplo, há um grupo em Austin chamado Latinitas, voltado para meninas latinas. Eles têm um projeto de falar sobre essas meninas, o que se pensa sobre a representação das latinas na mídia. Eles as treinam para criar sites, vídeos, propagandas, isso junto com a produção de conhecimento.

Essa definição é voltada à conscientização para o consumo de mídia. O que mudou com a ascensão dos meios digitais?

Muitas vezes a literacia de mídia é vista apenas como um processo de mudar o pensamento. Ela não tem o mesmo sentido de produção no mundo digital porque a literacia de mídia nos Estados Unidos foi um projeto criado nos anos 1980, antes da mídia interativa, da internet, focado em mudar o pensamento. Para mim, a literacia digital é mais difícil de definir. Penso que existem quatro objetivos possíveis de serem considerados. Um diz respeito

apenas ao treinamento para sua vida profissional, participar de formas de e-government, para usar a internet e entender, acessar as informações do governo, para criar oportunidades para estudar a propaganda. Ou seja, usar a mídia para fazer coisas profissionais. Para mim esse lado é bom porque é um tipo de atividade focado em problemas específicos, você precisa saber usar a internet para coisas específicas. O segundo conceito que eu acho importante é a literacia no sentido de mídia e cidadania, que aqui (no Brasil) é muito popular. Para mim, esses projetos são parecidos com projetos de mídia colaborativa, em que as pessoas têm oportunidades de participar nas questões do governo. É uma ideia focada na população, cada pessoa que quer se comunicar com o governo tem uma oportunidade. O terceiro tipo, mais difícil de compreender, é o sentido de mídia digital como empoderamento. Nos Estados Unidos, e aqui também, o conceito de empoderamento é muito popular, diz respeito a ideia de que se você entender como usar a mídia você tem uma experiência de empoderamento. E o quarto modelo de literacia é mais baseado nos movimentos sociais e em redes ativistas, esses tipos de projetos. O Mídia Ninja é um exemplo disso, nos Estados Unidos gostam muito dele. O ninja é um projeto desse tipo porque treina para a cobertura de eventos de ativismo. Não conheço vários, mas acredito que existam outros projetos desse tipo.

A respeito do conceito de literacia enquanto empoderamento, você trabalhou com alguns projetos de mídia e de jornalismo colaborativo nas periferias do Rio de Janeiro. Como você teve contato com essas iniciativas?

Eu não tinha interesse no Brasil antes de 2007. Inicialmente, por volta de 2002, meu interesse era nos movimentos sociais em geral, em movimentos sociais globais. Por exemplo, os Zapatistas e outros grupos que usavam mídias para criar redes globais, com muitos movimentos sociais diferentes. Movimentos ambientais, feministas, indígenas, anticapitalistas, eu me interessava por esses projetos por que são grupos localizados, mas têm interesse em criar redes globais. Em 2003 eu vim ao Brasil para o Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, e encontrei muitos movimentos sociais aqui, movimento negro, movimento sem-terra. Por causa disso, eu quis estudar mídias sociais. Antes era um projeto sobre a história das mídias sociais aqui e em Moçambique, um projeto comparativo, pois havia muitos cineastas brasileiros e ativistas brasileiros de mídia que trabalhavam em moçambique nos anos 1970 para criar o cinema por lá. Glauber Rocha, por exemplo, Ruy Guerra e Carlos Diegues, muitos cineastas visitaram Moçambique. Meu projeto era o de analisar as conversações entre os cineastas e os movimentos sociais no Brasil e em Moçambique nos anos 1970. Mas quando, em 2007, eu vim ao Rio para uma aula de português, percebi que havia na cidade muitos projetos de literacia digital e nas artes plásticas, em música, percebi que existia uma verdadeira indústria de ONGs nas favelas. Meu primeiro interesse em literacia surgiu nesse momento no sentido de crítica. Na verdade, eu não tinha certeza do que era a literacia digital, do que significa o empoderamento com mídias digitais, são coisas muitos difíceis de entender, mas todos têm interesse nisso. Por isso eu mudei minha pesquisa para as ONGs nas favelas que tinham projetos de

formação e treinamento com mídias digitais.

Dos projetos com que você teve contato, quais você destaca?

Eu acho esse tema muito bom para ser discutido. O Viva Favela, projeto que eu descrevi na minha pesquisa de doutorado, tem uma ideia de que, se você é uma criança na favela ou se você é pobre em qualquer outro lugar, bem fora de tudo, se você está nessa situação, o processo de entender ou de conhecer projetos multimídia tem diferença na sua vida. Muitos projetos nas favelas e de formação e treinamento sobre jornalismo cidadão e de mídia cidadania foram criados em áreas com problemas de falta de governo, violência, desastres naturais. Nessas áreas de população marginalizada, é positivo se você criar um filme, um clipe, é possível mudar o que você pensa sobre você, é uma forma de empoderamento. São projetos para criar oportunidade para os jovens, são projetos que preparam jovens para a vida e os tiram do tráfico. Para mim então esses projetos trazem empoderamento, porque você dá oportunidade para eles participarem do mundo digital, do processo de criação de mídia, isso tem um impacto forte na cabeça dos participantes e na vida deles. No Rio também há projetos do governo, há alguns grupos de artistas, cineastas, fotógrafos, grupos para criar redes de produção, projetos de inclusão de moradores das favelas, dos bairros de classe baixa, na participação de projetos de empresas. Por exemplo, a Rede Globo teve um projeto há dois anos atrás que se chamava “Parceiros do RJ”. Foi um projeto de um ano, criado para incluir jovens das favelas. Ele pagava aos participantes para que criassem histórias, reportagens sobre a vida deles para a programação da Globo. Esse projeto foi interessante porque a Globo pagou cerca de 2 mil reais para cada um, vale, plano de saúde. Foi legal, apesar de todas as críticas feitas à Globo, foi interessante. Mas um problema que existe, tanto em relação a essa iniciativa da Globo, quanto às ONGs em geral, é a ideia de que um projeto pode criar uma mudança enorme na vida dos participantes em duas semanas, esse é um problema maior. Se a Globo pode criar um programa para essas reportagens, vai ser um programa de reportagens divertidas, não necessariamente sérias. É preciso criar projetos que gerem renda, criem oportunidades profissionais para os participantes, nesse modelo. Outra dificuldade é que esses projetos precisam de um mundo volátil, de manifestações, para que eles existam. Eu acho que continuam, mas é difícil depois das manifestações. Há um outro projeto estrangeiro no Rio que se chama Rio On Watch. É uma ONG que não tem o mesmo perfil do Ninja, mas tem um blog só para publicar coisas relativas às favelas do rio e projetos do governo para diminuir a área das favelas para as Olimpíadas do Rio. Ele tem muitos correspondentes e publica muitos artigos em seu site, muitas ligações também com jornalistas internacionais. Vários jornais de fora, o USA Today, o Guardian, o New York Times, a BBC, todos olham para o Rio por causa do Rio On Watch. Nas manifestações, o projeto ganhou muita projeção.

Pelo que você explica, uma limitação que esses projetos têm é que eles precisam de um fator que despertem atenção. Você acredita que as Olimpíadas do Rio, em 2016, podem despertar novos projetos de literacia midiática?

Não, na verdade acho que, pelo menos os projetos de literacia no Rio que pesquisei durante o doutorado, em cinco anos podem não existir mais. Por dois motivos: um porque a tecnologia hoje é mais fácil de ser compreendida e de ser utilizada. Hoje é mais fácil de usar um smartphome, um blog, o facebook. Outro porque acho que o momento de criar projetos de ONGs no Rio está em baixa. Isso por alguns motivos, um por conta dos problemas de corrupção, porque muitos projetos tem fundadores fora do Brasil, mas em geral muitos foram fundados com ajuda da Petrobras e do Banco do Brasil. Acho que o modelo de fundar projetos que envolvem responsabilidade social, infelizmente, deve mudar porque agora o os órgãos do governo não contam com recursos. Tem muitos projetos nas favelas que existem pelo auxílio da Petrobras, o Brasil tem muito interesse em fundar projetos, mas muitos não precisam se preocupar com sua duração porque já possuem recursos, equipes grandes. Mas acho que algumas ONGs não vão continuar, não vão se ampliar. Estrangeiros têm muito interesse nas favelas, mas manter uma ONG é caro, acho que se a Petrobras parar de financiar várias delas, elas podem acabar. Por causa disso eu acho que a literacia digital, no sentido de empoderamento de comunidades, de regiões marginalizadas, precisa focalizar em como criar oportunidades de vida profissional e de vida fora do projeto. É difícil, mas é importante, porque o mundo não é mágico, as câmeras não fazem mágica na vida das pessoas. A literacia digital precisa então disso. Dentro dos movimento sociais ela é mais humanizada, porque lida com coisas que estamos mais acostumados, no sentido de dar treinamento às pessoas. Mas as minhas pesquisas vão mais no sentido do empoderamento, acho que a literacia digital precisa se ligar com outras áreas. Para mim o empoderamento não é um objetivo, não é suficiente para orientar projetos. Por exemplo, vou começar no Texas um projeto sobre experiências de falta de saúde, falta de saneamento, em áreas externas às cidades que não recebem investimentos. É um projeto de usar as mídias para falar dos problemas, baseado no jornalismo cidadão.

Então o empoderamento não é suficiente? O que é preciso para se criar projetos de literacia?

Na verdade, a mídia deve ser vista como parte de um projeto maior. No caso das Latinitas, de Austin, lá a literacia digital é um processo de desconstruir estereótipos e criar oportunidades para formar e usar a mídia para comunicar questões sobre as latinas nos Estados Unidos. Nele, a função da mídia é de mudar estereótipos. Antes o Viva Favela teve o mesmo objetivo, a ideia que motivou o projeto foi de que a sociedade do local não vivia com dignidade, então criaram projetos para mudar o conhecimento sobre as favelas dentro desse próprio mundo e no mundo em geral. Acho que esse tipo de iniciativa é boa, mas precisa de outros focos. O Latinitas tem um foco na vida cultural das latinas, o site é só sobre a vida cultural latina e sobre a vida de latinas que vivem nas grandes cidades. O Viva Favela tinha uma ideologia muito aberta, outra visão sobre a tecnologia, um certo tecnoutopismo. Claro, antes muitas pessoas não tinham acesso aos blogs, às mídias, então naquela época foi uma vitória criar um espaço onde as pessoas podiam criar mídias para combater estereótipos. Mas não

sei, o sentido é muito aberto e não tem um foco definido. Acho que para muitas pessoas que gostam de modelos de jornalismo cidadão, existe a pergunta “se eu comunicar assuntos que devem ser discutidos, é jornalismo cidadão?”. Nos Estados Unidos não, e em outras partes do mundo também, porque há uma ideia de que os projetos não podem influenciar na vida dos participantes. Eu não gosto desses modelos, porque todos querem falar sobre suas vidas, mas se você não tem uma direção todos acabam falando sobre tudo. Acho que a literacia em geral é algo que pode ajudar outras coisas. Agora eu percebo que no Rio há vários projetos sobre a vida de imigrantes nordestinos. Isso é interessante, é um exemplo de jornalismo cidadão e de literacia mudando, porque que agora não é só um processo de empoderamento, é uma ferramenta para outras coisas, não é um processo isolado.

Paralelo ao uso das mídias incentivado pelas ONGs e projetos de literacia, existe um cenário da comunicação em que os usuários comuns dos meios de comunicação também são produtores de conteúdos. Como a literacia vê esse fenômeno?

Isso é interessante porque agora muitas universidades nos Estados Unidos e na Inglaterra, no Brasil também, discutem essa conexão entre mídias sociais e redes de mídia popular, vendo nisso uma oportunidade para a participação política e cívica. Muitos pesquisadores dos Estados Unidos estão trabalhando com perguntas sobre como nós podemos criar possibilidades de usar mídia popular para a participação política. Todo mundo conhece (Henry) Jenkins e seu trabalho sobre os fãs, mas ele também pesquisa como usar os grupos da internet para criar oportunidades participativas de discutir problemas políticos e participar do processo da democracia. Outras pessoas ligadas a esse tipo de pesquisa estão desenvolvendo projetos, como o uso do Minecraft, o jogo em que você tem um mundo virtual aberto, voltado para crianças e adolescentes. Muitos pesquisadores estão pesquisando como usar esses jogos para treinar crianças para participar do mundo cívico, do mundo da participação. Aqui nos Estados Unidos isso é muito importante, antigamente programas de telecentros, de alfabetização digital tinham uma face muito séria, mas agora para muitos pesquisadores é importante falar a língua das crianças, falar com eles, misturando coisas divertidas com coisas políticas, coisas aplicadas. Para mim é importante, mas é algo difícil. Falar com crianças, fazer com que elas participem de forma cidadã, é mais fácil trabalhar com crianças por meio de jogos. Penso que muitos projetos desse tipo têm dificuldades no processo de traduzir um universo em outro para as crianças. Não tenho muitas afinidades com as ideias de Jenkins, mas sua pesquisa nas escolas americanas é muito boa, porque ele trabalha o conceito de transparência, por exemplo. Nos Estados Unidos muitos pesquisadores têm projetos assim, mas é um tipo de projeto muito grande e muito difícil. Uma criança pode preferir simplesmente jogar. É algo muito inteligente, mas muitas coisas são usadas apenas para manter a atenção das crianças, recursos divertidos etc.

A partir desse ponto de vista, de que os recursos digitais podem

ajudar no desenvolvimento social, das comunidades, de novos espaços em que as pessoas se comunicam, é possível desenvolver projetos de literacia? Como?

Existem dois mundos, um de redes sociais e um de literacia. As redes sociais são importantes, mas na minha pesquisa eu descrevi que as redes sociais são importantes para comunicar, para organizar, para ampliar as manifestações. Mas na verdade as mídias sociais não tem o mesmo nível de participação. A produção de vídeos, de blogs, são atividades diferentes. As redes sociais são importantes, foram importantes na Primavera Árabe, na Turquia, no Occupy Wall Street, mas para mim elas são importantes para comunicar, para chamar a atenção. Redes sociais são importantes para distribuir memes, para ganhar atenção, mas é um projeto muito difícil de buscar. Conheço muitos pesquisadores que trabalham para entender a trajetória de memes, mas isso é muito difícil. Nas redes sociais o grupo que está se manifestando é mais difícil de controlar. No Rio as redes sociais são muito importantes para ampliar, para divulgar ideias e iniciativas. Por exemplo, o Marcelo Freixo tem uma presença grande no Facebook, com muitas curtidas. Nesse caso, o Facebook tem uma função importante para distribuir informação e para influenciar pensamentos. O Rene Silva, do projeto Voz da Comunidade, tem uma presença muito grande no Twitter. Mas criar essas oportunidades e ampliá-las pelas redes é mais difícil.

No caso das manifestações de junho de 2013, elas surgiram por meio das redes e foram para as ruas. Eu entendo que você defende essa visão de que não adianta haver uma organização nas redes e divulgação por meio delas se os movimentos não forem para as ruas. O que você achou então das manifestações daquele período?

Acho que as manifestações, no sentido de literacia, para muitos grupos foram até problemáticas. Muitas ONGs no Rio têm ligações com o governo, seja municipal ou seja federal. muitos governos investem nas ONGs. Mas muitos grupos que participaram dos protestos se voltavam contra os governos que financiam projetos de literacia. Outro fator interessante é que muitos grupos que se manifestaram não precisaram ser agenciados por grupos de literacia, eles se auto-organizavam pelo Facebook. Muitas pessoas puderam se organizar pelo Facebook. Acho que nesse momento as ONGs não foram parte de um movimento das manifestações. Acho que as manifestações não tiveram impacto nos grupos de literacia digital, na indústria de ONGs, porque elas não fizeram parte de uma narrativa maior da qual fazem parte as ONGs e outros projetos de literacia, não estavam integradas nos processos promovidos pelas ONGs, elas aconteceram fora desse trabalho. Claro que elas chamaram a atenção, elas viraram notícia, e nisso elas tiveram um papel importante que é o de colocar um assunto em discussão. Mas elas não faziam parte de uma narrativa trabalhada pelas ONGs e grupos de literacia. Eu conheço mais a realidade das ONGs do rio, mas pelo que eu percebo agora parece que as manifestações nem aconteceram.

No seu ponto de vista então, as manifestações deram a impressão

de não terem efeito porque elas não estavam integradas em um projeto maior de literacia, elas simplesmente surgiram e foram embora?

Sim, exato. No ponto de vista de pesquisadores internacionais e do Brasil, acho que são piores as manifestações de 2015 contra a presidente Dilma. Para muitas pessoas essas manifestações são legados de 2013. Acho que não só as manifestações de 2013 surgiram e acabaram, mas agora para muitos pesquisadores americanos que estudam o Brasil as manifestações contra a Dilma partiram de um mesmo sentido, mas isso não é verdade. Em 2013 muitas pessoas estavam protestando por muitas coisas. Naquele ano as pessoas estavam falando sobre corrupção, sobre o governo, mas não havia um sentido liberal e contra o PT como houve nesse ano. Eu estou até um pouco cansado de explicar aos meus colegas nos Estados Unidos as diferenças entre 2013 e 2015, porque nas notícias dos jornais havia artigos sobre as manifestações e todo mundo aqui ficou achando que o problema é a Dilma ou o PT, quando o problema é maior, dos governos de esquerda da América do Sul. Em geral, o sentido das manifestações, depois que acabaram em 2013, foi de um vazio, de que ninguém entendeu o que era aquilo. Os governos até dialogaram com os ativistas, mas nada mudou. Nos Estados Unidos nós temos uma analogia de que, se um time de futebol americano chega à final do Super Bowl e não ganha, ele não poderia jogar mais, e parece que é isso, que as coisas aconteceram e desapareceram. Acho até triste ver que em 2013 houve tanta energia para as manifestações, mas durante a Copa do Mundo (de 2014) você não teve o mesmo. Até houve algumas manifestações, mas foi a mesma coisa.

De acordo com a última Pesquisa Brasileira de Mídia, divulgada em 2015 pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, 48% dos brasileiros utiliza a internet e o percentual de pessoas que a utiliza todos os dias cresceu de 26% para 37% de 2014 para este ano. No entanto, a pesquisa mostra que o acesso ainda é em muito condicionado aos níveis de renda e escolaridade. A proporção dos que acessam a internet pelo menos uma vez por semana é de 20% entre os que têm renda de até 1 salário mínimo, sendo que o número sobe para 76% entre os que têm renda de até 5 salários. Outro dado coloca que, enquanto 87% dos que têm ensino superior completo acessam a internet pelo menos uma vez por semana, apenas 8% dos que estudaram até à 4ª série o fazem. Como a literacia pode contribuir para o aumento no número de usuários de mídia? Além de promover o acesso, como democratizar o acesso às mídias?

Eu tenho um colega em Vitória (ES) que pesquisa o uso da internet em celulares. No fim da pesquisa dele ele escreveu que a internet não tem ligação com a melhoria da sociedade, com a participação cívica na sociedade, que ela não tem impacto na vida de jovens marginalizados. Eu não concordo com ele, tenho uma visão diferente, mas concordo no ponto de vista de pensar que promover a conexão, promover o acesso, significa você ter que melhorar a vida das pessoas, ou aumentar o nível da educação. No meu seminário na Unesp nós discutimos o projeto internet.org, do Mark Zuckerberg, que para mim representa um tipo de acesso

baseado apenas no consumo. Infelizmente esse tipo de projeto é comum, para crianças e para todo mundo. Na verdade, eu não acho que existe uma conexão entre nível de acesso e outros aspectos de participação, questões econômicas. Existe, mas é muito complicado e por causa disso eu não gosto de colocar essas ideias no mesmo grupo. Há alguns anos atrás, quando o acesso não era comum, principalmente em comunidades, em periferias, quando você não tinha acesso em celulares, tablets, quando você só tinha acesso em lan houses, telecentros, você tinha locais que davam capacitação, que ensinavam a acessar. Esses projetos eram importantes para o acesso, mas também para a criação de oportunidades. Hoje o acesso já é bem comum. Eu penso que o acesso é importante nos lugares em que ele não existe, mas para o resto a questão mais importante é como usar a internet e as mídias digitais para melhorar a vida e criar oportunidades para isso. O fato de o acesso aumentar é importante, mas não é o mais importante.

Para finalizarmos, é possível que movimentos sociais surjam das mídias digitais? E também que elas contribuam para a legitimidade dos movimentos?

Não sei. Nos Estados Unidos não, não sei dizer no Brasil porque há uma história diferente. Mas aqui nos Estados Unidos não. Por exemplo, há um movimento chamado Black Lives Matter, que foi motivado pela morte de um jovem negro, e que se manifesta basicamente por Facebook, Twitter e Instagram. Ele ganhou muito apoio tanto dos grupos organizados negros, quanto de grupos políticos. Alguns grupos políticos incentivavam jovens a lutar contra a violência policial contra os negros. Tanto que foi um tópico discutido em um debate dos candidatos do Partido Democrata à Presidência. Ou seja, um movimento de mídia social tem impacto na disputa presidencial. Mas ao mesmo tempo a situação do negro nos Estados Unidos é dura, a polícia tem uma ideologia racista muito forte. Mesmo que você tenha um movimento digital forte, é difícil mudar a ideologia da polícia. As redes sociais são importantes para colocar esses assuntos em discussão, mas não conseguem mudar ideologias. No Brasil também há muitos problemas de racismo. Mas uma coisa que eu gosto no Brasil é que o mundo acadêmico é muito mais ativista, vocês discutem temas da atualidade, como agora que existe essa proposta de redução da maioria penal, as universidades estão discutindo isso. Isso significa que os problemas são baseados no cotidiano. Não conheço muito, porque minha experiência é pequena, mas eu vejo movimentos sociais no Brasil que são conhecidos por todo mundo, o Movimento dos Sem-Terra, por exemplo. Mas ainda sou um pouco cético em relação às possibilidades de tanto as manifestações quanto as redes sociais terem uma participação efetiva ao promover mudanças sociais.